

Joaquim Manuel de Macedo, um homem de letras no segundo reinado

Joaquim Manuel de Macedo, a man of letters in the second reign

Juliana Maia de Queiroz*
Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo evidenciar as múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo, importante autor do romantismo brasileiro, reconhecido sobretudo pela publicação do romance *A moreninha* (1844). Nosso intuito é apresentar um Macedo que foi muito além de peripécias jocosas e puramente sentimentais na composição de suas narrativas, visão bastante cristalizada presente na maioria das histórias literárias do século XX. Para tanto, o artigo primeiro apresenta os variados papéis sociais que Macedo desempenhou enquanto importante homem de letras no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX para, em seguida, tentar exemplificar a variedade e versatilidade de Macedo também em sua obra literária, sobretudo em seus romances posteriores a 1850.

Palavras-chave: século XIX. Romance. Joaquim Manuel de Macedo.

Abstract: This article aims to highlight the multiple facets of Joaquim Manuel de Macedo, an important author of Brazilian romanticism, recognized above all by the publication of the novel *A moreninha* (1844). Our aim is to present an author that went far beyond joking and purely sentimental adventures in the composition of his narratives, a very crystallized vision present in most literary histories of the 20th century. To this end, the article first presents the varied social roles that Macedo played as an important man of letters in Rio de Janeiro in the second half of the 19th century in order to exemplify Macedo's versatility also in his literary work, especially in his novels after 1850.

Keywords: 19th century. Novel. Joaquim Manuel de Macedo.

Desempenhar variados papéis sociais no mundo das letras no século XIX não foi privilégio apenas de Joaquim Manuel de Macedo. A pesquisa que Lídia Maretti empreendeu sobre Visconde de Taunay, outro importante nome do Oitocentos, aponta essa condição de *polígrafo das letras*, ou seja, escritores que, devido às mais diversas atividades profissionais, foram capazes de produzir diferentes tipos de textos e de obras, passando pela poesia; teatro; romance; crônica; crítica; relatos memorialísticos; discursos políticos e até relatórios de guerra. Nesse sentido, valem as palavras de José Veríssimo (apud MARETTI, 2006, p. 28), quando da morte do autor de *Inocência*: “pela variedade das suas aptidões, o Sr. Taunay mereceria esse feio nome de polígrafo, com que os bibliógrafos alcunham os que trataram e escreveram de muitas coisas”.

Muito embora Macedo não tenha recebido tal caracterização explicitamente, poderia muito bem fazer jus a ela, afinal, o exercício de variadas atividades ao lado do ofício da escrita literária é marca de nossa literatura desde que o Brasil passou a ter um sistema literário, tomando como base aqui a noção de Antonio Candido. Em outros termos, desde que temos em terras brasileiras a tríade autor/obra/público, há escritores

* Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), doutora em teoria e história literária. E-mail: jumaiaque@gmail.com

que, além de produzir peças de teatro, poesias e romances, desempenharam os mais variados papéis sociais e institucionais na esfera pública. Sendo assim, não há como negar a interferência direta, ao observarmos a formação do nome de um determinado escritor, de seu nome também como professor, médico, deputado, ministro, sobretudo no século XIX, momento em que a produção de romances se consolidava em terras brasileiras e que o projeto de construção de uma literatura nacional estava diretamente ligado à construção de uma nação, recém-independente de Portugal.

Neste projeto maior estava, portanto, Macedo, estreando na carreira literária ainda bem jovem, em 1844, aos 24 anos. E estreou muito bem, visto que *A moreninha* foi um sucesso imediato¹. Prova disso são suas reedições: a segunda logo em 1845; a terceira em 1849; chegando à décima edição ainda antes de terminar aquele século, em 1899. No mesmo ano em que publicou *A moreninha*, Macedo se tornou médico e, em dezembro, foi orador na presença de D. Pedro II à frente dos formandos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1844, foi também eleito membro do Conservatório Dramático e, em 1845, convidado por Joaquim Norberto e Manuel de Araújo Porto Alegre para ser sócio correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.² Macedo atuou como médico apenas até 1847 em Itaboraí e em Porto das Caixas. Nesse mesmo ano (1847), recebeu o título de cavaleiro da Ordem da Rosa, sendo dois anos mais tarde nomeado professor da segunda cadeira de História e Geografia do Colégio Pedro II.

Como se vê, o autor rapidamente ia ganhando lugar respeitoso nos espaços de sociabilidade letrada da corte imperial de meados do século XIX, tanto que foi escolhido primeiro secretário do IHGB em 1851. Sua função era produzir relatórios contendo um balanço anual de todas as atividades desenvolvidas no Instituto, bem como versar sobre algumas obras entregues à biblioteca, ligadas ao projeto de construção de uma *literatura nacional*, como é o caso do poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, também membro do IHGB:

[...] Antes de qualquer outra consideração, cumpre dizer que ninguém poderia separar a história, a geografia e a etnografia brasileira do poema do nosso consócio o Sr. Dr. Magalhães. E além disso, como esquecer as letras e as artes de uma nação quando se estuda a sua história? (...) Aquele que escrevendo a história de uma nação, olvidasse os seus poetas

¹ Antes disso, contudo, publicara alguns poemas na revista *Minerva Brasiliense*. Utilizamos como fonte de pesquisa sobre a vida e a trajetória de Joaquim Manuel de Macedo, a cronologia presente em: MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias do sobrinho de meu tio*. Organização e notas de Flora Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 21-29. Além deste, tomamos como base o livro de Tania Rebelo Costa Serra, *Joaquim Manuel de Macedo ou Os Dois Macedos. A luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

² Lília Schwarcz em *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, explica como se deu a fundação do IHGB no Brasil e sua importância na sociedade carioca da época: “Em 1838, tendo como modelo o Institut Historique, fundado em Paris em 1834 por vários intelectuais, entre eles dois velhos conhecidos do Brasil – Monglave e Debret –, forma-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (o IHGB), congregando a elite econômica e literária carioca. É justamente esse recinto que abrigará, a partir da década de 40, os românticos brasileiros, quando o jovem monarca d. Pedro II se tornará assíduo freqüentador e incentivador, com a maioria, dos trabalhos dessa instituição. A partir dos anos 50, o IHGB se afirmaria como um centro de estudos bastante ativo, favorecendo a pesquisa literária, estimulando a vida intelectual e funcionando como um elo entre esta e os meios oficiais” (SCHWARCZ, 2006. p. 126).

e os seus artistas, esquecesse a pintura, que fala aos olhos, a música que fala aos ouvidos, a poesia que fala à alma, tornaria essa nação em um mundo sem luz, mostrá-la-ia submergida em trevas eternas. (MACEDO, 1898, p. 101, atualizamos a ortografia).

O discurso acima, datado de dezembro de 1856, em tom laudatório não apenas à obra de Magalhães, mas a todas as atividades do Instituto e sua importância para o registro da história e geografia da jovem nação.

Nosso intuito é chamar a atenção para o fato de Macedo estar intimamente ligado aos círculos letrados mais influentes da sociedade brasileira de seu tempo. Certamente estar entre os *grandes* lhe rendia a possibilidade ainda maior de exercer os variados papéis sociais que destacamos anteriormente. Assim, fazer parte do Instituto Histórico não era pouca coisa, afinal, além de se tratar de um órgão sob proteção direta do Imperador Pedro II, ali estava grande parte dos homens de letras daquele século, conforme atesta Jefferson Cano:

Especialmente emblemático da constituição destes espaços de sociabilidade letrada é o Instituto Histórico, no qual Macedo ingressa aos 25 anos, certamente muito mais respaldado por sua glória literária do que por qualquer trabalho de cunho histórico. Fundado em 1838, sob a *imediata proteção de Sua Majestade*, e inspirado no Instituto Histórico da França, que desde 1834 congregava nomes como Lamartine, Michelet, Chateaubriand e Thierry, o IHGB era síntese do que constituía a elite intelectual e política do Império, mescla que marcava tanto o seu projeto quanto as trajetórias de seus sócios. (CANO, 2004, p. 22-24).

Vale mencionar ainda que Macedo teve uma carreira ascendente no IHGB, passando a orador eleito em 1857. Nesse ano também recebeu o oficialato da Ordem da Rosa, título superior àquele que recebera em 1847. Esta condecoração se deveu, sobretudo, à publicação e sucesso de seu poema *A nebulosa* (1857), obra financiada pelo Imperador e a ele dedicada. Ainda na década de cinquenta, atuou na política como deputado da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro de 1854 até 1859.

Em meados dos anos cinquenta do Oitocentos, podemos dizer que Macedo já era um nome consagrado, inclusive, para outros escritores da época, conforme o testemunho de Salvador de Mendonça:

No largo do Rocio, em frente à Casa Paula Brito, do outro lado da rua, havia dois bancos em que, nas tardes de sábado, costumavam reunir-se com muita regularidade para palestrarem acerca de letras os seguintes indivíduos: Machado de Assis, caixeiro então da loja de livros e tipografia Paula Brito; Manuel Antonio de Almeida, colaborador do *Correio Mercantil* e autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*; Henrique César Muzzio, médico sem clínica e crítico teatral muito estimado; Casimiro de Abreu, poeta e caixeiro em uma casa de comércio; José Antônio, empregado do tesouro e autor das chistosas *Lembranças* e, afinal, quem vos fala, estudante então de preparatórios. Muitas vezes, ao atravessar da Casa Paula Brito para a sua, do outro lado do largo, Joaquim Manuel de Macedo, o criador do romance nacional, vinha sentar-se entre nós, lhano e sincero, e por mais de uma vez acompanhavam-no Gonçalves Dias, com o seu corpo fanadinho, aspecto melancólico e olhar genial, e Araújo Porto-Alegre, com seu físico de urso e a perene jovialidade da saúde da alma e do corpo. (MENDONÇA apud CANO, 2001, p. 20).

Macedo teve importante papel também como cronista em diversos periódicos cariocas. A pesquisa de Michelle Strzoda contabilizou doze periódicos nos quais Macedo publicou suas crônicas. A título de exemplo, destacamos aqui três séries delas, publicadas também em livro: *Labirinto* (seção de crônicas publicadas no *Jornal do Comércio* de abril a dezembro de 1860); *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (crônicas publicadas no *Jornal do Comércio* de janeiro de 1861 a agosto de 1863); *Memórias da rua do Ouvidor* (crônicas publicadas também no *Jornal do Comércio* de janeiro a junho de 1878) (STRZODA, 2010).³ Como se vê, Macedo teve longa atuação no *Jornal do Comércio*, um dos mais importantes da época, fator que corrobora sua ampla circulação nos espaços de maior visibilidade social, literária e política no Rio de Janeiro oitocentista.

Ainda nos anos sessenta do Oitocentos, Macedo seguia com o nome firme na praça, tanto como professor do Colégio Pedro II quanto como romancista, cronista, teatrólogo, autor de livros de instrução, tendo inclusive seu *Teatro Completo* publicado pelo livreiro-editor Garnier, em 1863. No ano seguinte, 1864, foi preceptor das filhas do Imperador, as princesas Isabel e Leopoldina, ensinando História e Português. Nesta década, Macedo atuou também como deputado federal pela Assembleia Geral, nos anos de 1867 e 1868, experiência que certamente influenciou a escrita e publicação de seu romance *Memórias do sobrinho de meu tio* (1868), em tom satírico.

Na década de setenta, destacamos o fato de que o autor passou a receber uma gratificação de seiscentos mil réis por ano, em virtude de seus quinze anos de trabalho no Colégio Pedro II, além de ter sido novamente agraciado com mais uma condecoração: a Comenda da Ordem de Cristo (1874). Foi escolhido primeiro-vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1876) e eleito novamente como deputado para a Assembleia Geral (1878 – 1881). Contudo, ficou ausente das sessões de maio a setembro, provavelmente por problemas de saúde.⁴ Joaquim Manuel de Macedo fez seu último discurso como orador do IHGB em 15 de dezembro de 1879 e faleceu em 11 de abril de 1882.

Macedo deixou obra extensa e variada: poesias, romances, crônicas, peças de teatro, livros de História do Brasil, discursos etc. Assim como foram variados seus papéis sociais e sua produção literária no que se refere aos gêneros, eclética também foi sua produção romanesca. A historiografia literária convencionou limitar a obra de Macedo ao modelo romântico de narrativas repletas de peripécias sentimentais e jocosas como encontramos em *A moreninha* (1844), por exemplo.

³ Em *Rio de Joaquim Manuel de Macedo: Jornalismo e literatura no século XIX* (2010), Strzoda reúne as crônicas que Macedo publicou nos periódicos cariocas ao longo de sua trajetória. Em sua apresentação, a autora nos mostra também uma lista apontando todas as publicações de Joaquim Manuel de Macedo na imprensa, de 1844 a 1880.

⁴ Tanto Flora Sussekind quanto Tania Serra fazem referência ao final de vida um tanto enigmático de Macedo. Segundo a biografia de T. Serra, referida e endossada por F. Sussekind, Macedo teria adoecido de causas desconhecidas e morrido pobre por conta de uma dívida financeira. A explicação seria o endosso de uma letra no valor de um conto de réis que não foi paga e, como consequência, o autor foi condenado, junto a outros dois endossantes, a pagar um montante de um conto e duzentos mil-réis. Por esse motivo, seus bens foram penhorados em 1879, três anos antes de morrer.

Quanto ao percurso estritamente literário do autor, a pesquisa de Tania Serra divide a obra de Macedo em duas fases: a primeira, para as mocinhas; e a segunda, para os adultos:

O Macedo “das mocinhas”, da evasão crítica e da identificação com o público, característico da primeira fase do escritor, vai-se transformar no Macedo “dos adultos”, substituindo a evasão por uma crítica social contundente, surpreendentemente indo contra a expectativa de seu leitor tradicional. (SERRA, 1994, p. 134).

De acordo com a autora, o público não recebera tão bem os romances da segunda fase, por serem narrativas contendo críticas mais agudas em relação ao meio social da época. Para ela, apenas o Macedo da primeira fase, ou seja, aquele de estilo folhetinesco, é que continuou sendo lido a partir de meados dos anos sessenta do século XIX. Para fundamentar sua hipótese, ela se baseia no número superior de reedições dos romances da primeira fase em relação às edições dos romances mais tardios. No entanto, acreditamos que esta proposição mereça ganhar uma interpretação um pouco mais ampla, uma vez que parece não se aplicar à obra como um todo. Por exemplo, um romance como *A Carteira de Meu Tio* (1855) que, embora faça parte da primeira década de produção de Macedo e aborde um tema que foge completamente à típica evasão romântica, teve quatro edições até 1896. Nossa hipótese é a de que muito provavelmente Macedo não tenha deixado de ser lido, mas apenas passou a ter que disputar cada vez mais espaço no concorrido e movimentado mercado editorial da segunda metade do século XIX.

Nessa mesma veia interpretativa, o livro de Alessandra El Far, *Páginas de Sensação*, traça um perfil revelador sobre o mercado editorial da segunda metade do século XIX. A autora, ao estudar romances populares em edições baratas e de temáticas bastante variadas, nos apresenta também o universo da edição tradicional representada por nomes como *Garnier e Laemmert* – casas editoriais famosas por publicar somente autores nacionais e estrangeiros já consagrados, entre eles, Joaquim Manuel de Macedo²⁴. Ora, se Macedo a partir de meados da década de sessenta tivesse perdido popularidade, como explicar as diversas edições de seus romances e peças, mesmo aqueles escritos mais tardiamente, por tais editores? Além disso, a pesquisa de Alessandra El Far, ao se deter nos romances de sensação (“dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis”) e romances para homens (“enredos recheados de cenas de sexo, luxúria e obscenidades não aconselháveis às mulheres, vistas como pessoas frágeis, suscetíveis e facilmente influenciáveis pelos encantos da narrativa”), coloca à mostra um verdadeiro mercado paralelo ao das editoras tradicionais que citamos anteriormente (EL FAR, 2004, p. 14-15).

No caso específico de Joaquim Manuel de Macedo, acreditamos que sua trajetória literária tenha sido fortalecida pela permanência de seu nome não apenas como escritor, mas como cronista dos principais periódicos do Rio de Janeiro, deputado, médico, membro do IHGB, professor do Colégio Pedro II. E esses papéis todos, em maior ou menor grau, interferiram de forma decisiva em sua produção literária.

Romances como *A carteira de meu tio* (1855) e *Memórias do sobrinho de meu tio* (1868) são exemplos de narrativas que dialogam diretamente com os textos que ele, enquanto

cronista, publicava nos periódicos da época. Na narrativa de 1855, um sobrinho-narrador que deseja se tornar político é obrigado pelo tio, que financiara seus estudos, a viajar pelas províncias do país portando uma carteira, a fim de verificar e registrar as incongruências entre a realidade observada e a Constituição de 1824. Não por acaso a narrativa foi classificada por muitos críticos como crônica romanceada, pois os pequenos episódios narrados têm a função principal de garantir, no romance, a expressão de ideias políticas. O enredo é sustentado não pelo encadeamento ou sequenciamento de fatos narrados, mas, sobremaneira, pela apresentação de pequenas cenas seguidas de longas discussões, em forma de diálogos, como este em que o personagem nomeado apenas de sobrinho é indagado por seu compadre sobre os dois partidos políticos na época:

- mas vamos a saber: qual dos partidos pretende seguir? ... o *Saquarema* ou o *Luzia*?...
- Qual é o que está de cima agora?...
- Homem, eu também não sei.
- Pois hei de me informar para me alistar nas duas fileiras.
- Dizem por aí que o partido que está no poder é o saquarema; note bem, que eu não o asseguro, porque às vezes são mais as vozes do que as nozes; parecia-me, porém, que o compadre não se devia decidir a favor de qualquer partido, pelo simples fato de vê-lo no poleiro. (MACEDO, 1995, p. 73-74).

As páginas subsequentes ao pequeno trecho transcrito acima são repletas de explicações didáticas e metafóricas na tentativa de fazer com que o sobrinho tenha cautela, não especificamente na escolha de um ou outro partido, mas que faça política de maneira honesta, o que não é seguido pelo sobrinho-narrador, uma vez que sua voz é a voz da corrupção política oitocentista. Esta não deixa de ser uma crítica macediana para a completa ausência do que ele mesmo chamava de bom senso na política da época, já que na década de cinquenta do século XIX, fazer parte do partido liberal ou conservador era praticamente a mesma coisa – como ironicamente sugere o sobrinho-narrador.

Por meio de *A carteira de meu tio*, Macedo queria fazer não apenas rir seus leitores, mas fazê-los também pensar sobre a política da Conciliação, por exemplo – um dos grandes temas da obra. Por meio dessa política, instaurada no Brasil pelo Marquês de Paraná, em 1853, “os rótulos dos partidos políticos foram deixados de lado como forma de demonstração da estabilidade político-econômica do país” (GOUVÊA, 2008, p. 27).⁵

⁵ A respeito da Conciliação, José Murilo de Carvalho (1996, p. 364) afirma: “A conciliação começou já na formação do Ministério que incluía jovens conservadores recém-saídos dos arraiais liberais, assim como um liberal histórico, Limpo de Abreu. Mas o principal esforço de abertura para os liberais veio na proposta de reforma eleitoral. Eram dois os aspectos principais da proposta: a introdução do voto distrital e as incompatibilidades eleitorais. As incompatibilidades eram tentativa de reduzir a influência do governo nas eleições, de evitar que a Câmara fosse dominada por funcionários públicos, sobretudo juizes (...) O voto distrital tinha o propósito claro de quebrar o monolitismo das grandes bancadas provinciais e permitir a representação das facções locais (...) o voto distrital daria mais força aos chefes locais em detrimento dos chefes nacionais dos partidos e em detrimento dos presidentes de província, permitindo maior diversidade de representação e maior autenticidade de representantes”. Segundo sua análise, o grande temor da maioria

Em crônica publicada na seção Labirinto do *Jornal do Comércio*, edição de vinte e oito de maio de 1860, temos a seguinte crítica de Macedo à política da conciliação:

Asseveram alguns que os antigos partidos políticos do Brasil desapareceram: pois seja assim; ao menos porém demonstraram-se desde não sabemos quantos anos, e muito manifestamente há quatro, dois partidos econômicos, um o da escola liberal, outro o da escola restritiva; um que deseja levar a nau do Estado para o polo ártico, outro que pretende arrastá-lo para o polo antártico; um enfim que grita branco, e outro que brada - preto. Ora, que o polo ártico e o antártico se achem unidinhos no mesmo ponto, no mesmo lugar; que o branco e o preto se reúnam sem o branco deixar de ser branco e o preto deixar de ser preto, é cousa que ninguém poderia compreender. (MACEDO, 1860 apud CANO, 2004, p. 16).

Jefferson Cano organizou e apresentou as crônicas da seção publicada por Macedo, intitulada *Labirinto*, no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* no ano de 1860. O pesquisador comenta os vinte e seis artigos que versam sobre os mais variados temas acompanhados de um romance (*Romance de uma velha*) e de poemas. A aproximação entre o escritor e cronista Joaquim Manuel de Macedo é apontado por Cano, que ressalta a distinção entre as vozes do sobrinho-narrador de *A carteira de meu tio*, por exemplo, e do cronista Macedo. Segundo ele, “o próprio papel de pregador moralizante que Macedo se atribuía parecia ser motivo para uma certa indistinção entre autor e narrador no caso das crônicas” (CANO, 2004, p. 13). Seria nos romances *A Carteira de meu tio* e *Memórias do sobrinho de meu tio* que Macedo faria uma distinção maior ao criar um sobrinho-narrador que, amparado justamente pelo estofado ficcional, teria maior versatilidade narrativa para criticar e satirizar a política e os costumes de seu tempo.

Contudo, o diálogo entre a literatura e a imprensa não se dava apenas por meio de gêneros diversos publicados em diferentes suportes literários; ele se estendia também à seção de anúncios nos periódicos por meio da propaganda de livros, muitas vezes acompanhados de comentários. Exemplo disso é o que temos na reprodução a seguir, publicada no *Jornal do Comércio*, pelo livreiro e editor Paula Brito, em 02 de fevereiro de 1855:

da elite conservadora do país era ver, por meio de uma maior representatividade da população nas eleições, a subida ao poder de profissionais liberais e de lideranças locais.

Figura 1: *Jornal do Comércio* (02 de fevereiro de 1855).

RISADAS!...

Quem quizer solta-las com gosto leia a *espiritua-
sa politica, e muito engraçada*

Carteira de meu tio! ..

A descrição da *mentira* que vem na *Marmota
de ontem* n. 547, é obra prima!...

A *Carteira de meu tio* ha de ocupar todo o semes-
tre de Janeiro a Junho, que se assigna por 5\$; na
loja de *Paula Brito*.

Terça-feira principia o FORASTEIRO (folhetim)
novo, romance do Dr. Macedo.

Que mais podem desejar os Srs. assignantes e ac-
cionistas da *Marmota*?...

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao observarmos as edições do periódico de Paula Brito, *A marmota fluminense*, constatamos que *A carteira de meu tio* foi publicada, no início, sem identificação de sua autoria, aspecto também observado no anúncio do dia 02 de fevereiro de 1855. No entanto, a partir do início da publicação concomitante ao folhetim *O Forasteiro*, as duas narrativas passaram a ser anunciadas e publicadas com a identificação da autoria de Macedo. O componente que as diferenciava era a disposição na diagramação do periódico: apenas a obra *O Forasteiro* ocupava a seção intitulada *Folhetim*. Já o romance *A carteira de meu tio* era publicado a cada edição, às vezes no corpo da primeira página ou da segunda. A nosso ver, essa mudança no tipo de publicação – um no espaço reservado ao folhetim e outro em sequências narrativas no corpo da revista – diz respeito à intenção do livreiro-editor Paula Brito de tentar atingir o maior número de leitores com narrativas de temática e estrutura diversas. De fato, nos demais anúncios desses dois livros, Paula Brito dá destaque ao fato de que *A carteira de meu tio* é uma narrativa jocosa e que faria os leitores rirem, ao passo que *O Forasteiro* é caracterizado como um folhetim e que agradaria os leitores afeitos a esse gênero.

Note-se como o espaço do jornal permitia um diálogo efetivo entre as diversas esferas da vida política, literária e editorial do século XIX. O cronista Macedo publicava textos no mesmo jornal onde via suas narrativas serem anunciadas, ora como folhetim, ora como livro, na seção destinada aos anúncios. Esse intercâmbio de informações no mesmo meio de divulgação não deixa de ser uma vertente da diversidade de papéis sociais dos homens de letras do século XIX. Se tomarmos como exemplo o próprio *Jornal do Comércio* e a figura de Macedo, temos ali sua presença tanto na seção de crônicas quanto na transcrição das sessões parlamentares em que seu nome figurava como deputado, além dos anúncios de livros com os títulos de suas narrativas.

A receita parece ter dado certo, tanto que, treze anos depois, Macedo publicou *Memórias do sobrinho de meu tio* que, ao contrário de *A carteira de meu tio*, veio à luz já no formato livro pela Tipografia Universal de Laemmert, em dois tomos, o primeiro de 1867 e o segundo de 1868, como nos mostra o anúncio do *Jornal do Comércio* de 30 de abril de 1868:

Figura 2: *Jornal do Comércio* (30 de abril de 1868).

Sobrio á luz

e acha-se á venda na livreria de Domingos José Gomes
Brandão, á rua da Quitanda n. 70,

AS

**MEMORIAS DO SOBRINHO DE
MEU TIO**

(continuação da Carteira de meu tio),
pelo

Dr. Joaquim Manoel de Macedo :

2 volumes encadernados. 5\$000

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O anúncio aponta claramente para o enredo dessa narrativa que seria a continuação de *A carteira de meu tio*. Nesta sátira política, escrita ao sabor das memórias do mesmo sobrinho-narrador de *A carteira de meu tio*, temos a continuação da narrativa interrompida em 1855. Treze anos depois, vemos o sobrinho já deputado, casado com a prima Chiquinha e, juntos, elaboram as maiores peripécias (entenda-se aqui corruptas) para obterem vantagens do sistema político da época

Flora Sussekind, em ensaio sobre *Memórias do sobrinho de meu tio*, ressalta a aproximação entre o Macedo cronista e o Macedo romancista que, em suas narrativas, lança mão do uso da primeira pessoa, por meio do sobrinho-narrador inescrupuloso que conversa diretamente com os leitores:

A fonte de riqueza pública no Brasil é quase exclusivamente a agricultura: os vegetais são como os animais sujeitos a moléstias: os nossos dous principais produtos eram o açúcar da cana, e o café: dous só, se adoecessem os dous, ficávamos em maré de miséria: pois bem: o governo do Brasil cuidou algum dia na sua vida em explorar, animar, desenvolver alguma indústria agrícola? Nem caso! A cana estava dando açúcar, o cafezeiro café, viva la pátria! Eis senão quando dá o bicho na cana, e a praga no cafezeiro! Estávamos bem aviados! (...) Se não fosse a Providência Divina, a sabedoria do nosso governo teria ficado dupla e simbolicamente representada pelo bicho e pela praga. (MACEDO, 1995, p. 48-49).

A voz do sobrinho-narrador no livro de 1868, ao criticar a precariedade da indústria agrícola brasileira oitocentista, difere apenas pelo tom jocoso e bastante pessimista de uma das crônicas da seção Labirinto, por exemplo, datada de 12 de novembro de 1860:

A agricultura no Brasil começa a fazer verdadeiros esforços para arrancar-se das rudes e pesadas garras da rotina, que é sempre tão fatal e tão contrária aos grandes melhoramentos das nações. Um grande favor do céu e uma obra do inferno auxiliavam a rotina: o grande favor do céu era e é a uberdade assombrosa do nosso solo; a obra do inferno foi o tráfego de Africanos que por muito tempo representou o papel de padrinho daquela velha emperrada

e teimosa. Com efeito, o lavrador contando com um viveiro de escravos na costa d'África, e podendo anualmente substituir e multiplicar as enxadas das suas roças, não queria saber nem de máquinas, nem de instrumentos capazes de poupar trabalhadores, e de dar com o emprego de capital menor um tributo maior. (MACEDO, 2004, p. 235).

Preocupado com o atraso nas políticas agrícolas do Brasil, o mesmo Macedo cronista e romancista lança mão dessa temática tanto no jornal quanto em seu romance. Flora Sussekind vai além ao ressaltar, ainda, a familiaridade não apenas entre os textos que Joaquim Manuel de Macedo publicou na imprensa do Rio de Janeiro e este romance, bem como a aproximação entre a própria vida política de Macedo, perpassada por sua intensa atividade nos jornais da época, e sua produção ficcional:

Macedo parece se divertir, inclusive, emprestando ironicamente alguns dados biográficos seus, pelo avesso, a essa figura inescrupulosa de político que transforma em narrador em *A carteira de meu tio* e *Memórias do Sobrinho de Meu Tio*. Empréstimo a ele, por exemplo, o seu domicílio eleitoral – a província do Rio de Janeiro – e o uso do jornalismo político como recurso para firmar uma futura candidatura. Coisa que o próprio Macedo fizera, de 7 de setembro de 1852 a 21 de junho de 1854, com a impressão, na sua própria casa, do bissetimário *A Nação*, atividade, ao que parece, decisiva para que obtivesse sua cadeira de deputado em 1854. Com a diferença, porém, de o periódico de Macedo, e redigido por ele, obedecer à orientação declaradamente liberal, enquanto o jornal *Espada da Justiça*, do sobrinho-do-tio, além de contar com redatores pagos e de não defender, na verdade, nenhum programa, funciona, nas *Memórias do sobrinho de meu tio*, apenas como meio de fingir independência e chantagear políticos influentes para obter favores e nomeações. (SUSSEKIND, 1995, p. 10).

A análise da autora aponta para o fato de que bastantes amplas eram as relações entre imprensa e literatura no século XIX, ultrapassando inclusive os limites que observamos anteriormente quando da análise de *A carteira de meu tio*. Aqui temos um exemplo concreto de diálogo estreito entre vida e obra.

Como se vê, Joaquim Manuel de Macedo – embora um pouco estigmatizado na maior parte das Histórias Literárias do século XX – foi além e se configurou como um dos mais importantes homens de letras do século XIX. A partir da análise não apenas de sua obra literária, mas também de sua inserção na cultura letrada e no universo político do Oitocentos, podemos tomar sua trajetória pública como um bom exemplo do diálogo estreito entre História, Imprensa e Literatura ocorrido no Brasil ao longo daquele século.

REFERÊNCIAS

- CANO, J. *O Fardo dos homens de Letras*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp: Campinas, 2001.
- CANO, J. Organização, introdução e notas. In: MACEDO, J. M. *Labirinto*. Campinas: Mercado de Letras, Cecult; São Paulo: Fapesp, 2004.
- CARVALHO, J. M. *A construção da Ordem: a elite política imperial*; Teatro de Sombras: a política imperial. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ RelumeDumará, 1996.
- EL FAR, A. *Páginas de Sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- GOUVÊA, M. F. S. *O Império das Províncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2008.
- MACEDO, J. M. *A carteira de meu tio*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.
- MACEDO, J. M. *Labirinto*. Organização, introdução e notas de Jefferson Cano. Campinas: Mercado de Letras, Cecult; São Paulo: Fapesp, 2004.
- MACEDO, J. M. *Memórias do sobrinho de meu tio*. Organização e notas de Flora Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACEDO, J. M. Relatório do 1º Secretário. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Tomo XIX, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.
- MARETTI, M. L. L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- SUSSEKIND, F. Organização e notas. In: MACEDO, J. M. *Memórias do sobrinho de meu tio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SERRA, T. R. C. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os Dois Macedos. A luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- STRZODA, M. *O Rio de Joaquim Manuel de Macedo: Jornalismo e literatura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

Recebido em: 20/10/2020

Aprovado em: 11/12/2020

Publicado em: 31/12/2020